




RESENHA

A ANTOLOGIA *POEMAS PARA JOVENS INQUIETOS* E O CONVITE DE SÉRGIO CAPPARELLI PARA A JUVENTUDE E A RESISTÊNCIA

Eliana Kefalás de Oliveira  0000-0002-3486-2085
Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas
eliana.oliveira@fale.ufal.br.

Lívia Marbelle Barboza  0000-0002-0895-0831
Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande
liviamarbelle@gmail.com.

Recebido em 29 de julho de 2021
Aceito em 13 de outubro de 2021

Em 2003, Sérgio Capparelli lançou a antologia *111 poemas para crianças*, reunindo textos que brincam com o imaginário infantil e com a fantasia, de forma sensível e lúdica. Essa sensibilidade nas produções do poeta não se restringe apenas ao universo infantil, mas se apresenta também nas experiências da adolescência e nos conflitos de uma fase que ainda carrega consigo muitas marcas da infância. Por conseguinte, é sobre esse movimento de deixar a infância para trás, sem muitas vezes nem perceber, que nos debruçamos ao ler a mais recente antologia do poeta mineiro: *Poemas para jovens inquietos* (2019).

Nesse livro, as experiências das crianças não são apagadas, mas expandidas para uma vivência mais amadurecida, adolescente, e que continua a crescer. Com produções inéditas, Capparelli reúne também poemas de três livros seus já lançados e destinados ao leitor jovem, aquele que não se identifica, ou não mais deseja se identificar como criança. Ao apresentar a antologia, o poeta diz que o leitor perceberá que a inquietude se

inicia bem no começo desse período, no debate com uma realidade diferente, ao começar a deixar a infância para trás. A antologia inicia-se com a parte intitulada “Apenas o começo” e segue para mais três partes: “Os mequetrefes contra os cheirosos”, “Duelo” e “Para o seu governo”.

Na primeira parte, “Apenas o começo”, retoma-se a obra *Restos de arco-íris* (2011), que foi publicada, originalmente, no ano de 1992 e que tematiza a adolescência como um período de transição, de descobertas e de novos despertares. Analisando essa obra, Barboza (2020) verificou que, apesar de haver um certo teor narrativo no livro, isso não impediria uma leitura independente dos poemas, o que podemos constatar também com a seleção feita para a antologia, que optou por deixar de lado o pano de fundo do período da ditadura militar que existe na obra original e focar nas relações afetivas que permeiam a partida da infância para adolescência.

Diante disso, a antologia começa com o poema “Nas horas essas”. Se na primeira estrofe temos uma construção imagética muito próxima do lúdico da infância, “tem horas que a gente se esvazia,/ assim como um balão,/ devagarinho/ perdendo o ar” (CAPPARELLI, 2019, p. 14), na estrofe seguinte, evidenciam-se sentimentos conflituosos do eu lírico com as “quedas” que as experiências de crescimento nos dão: “Sabe, nas horas essas,/ a gente cai de bicicleta e do rolimã,/ as pandorgas arrebetam a linha/ e até cachorro manso/ mostra os dentes, morde o ar” (CAPPARELLI, 2019, p. 14). Essa marca da inquietude, da vulnerabilidade, da queda é transgredida pela força daquele que passa a mostrar os dentes e “quebrar o alçapão” (CAPPARELLI, 2019, p. 14).

Sérgio Capparelli afirma, na apresentação da antologia, ter revisitado seus poemas anteriores. O verbo revisar, por si só, nos revela uma inquietude do próprio poeta em relação ao que ele produziu, um desejo de atualização e reorganização que parte desde o plano estrutural até o temático. Essas mudanças não atrapalham as entradas anteriores e futuras realizadas com esses poemas, no mais, as amplia para novas percepções.

O poema “Menina na janela”, por exemplo, em sua última estrofe, usa pronomes que antes não apareciam: “Eu sou uma menina bela,/ na janela/ do meu olhar que te procura” (CAPPARELLI, 2019, p. 17), onde anteriormente era “Eu sou uma menina bela,/ na janela,/ de um olhar sempre à procura” (CAPPARELLI, 2011, p.35).

Entretanto, é em poemas como “Mariana” e “Beat” que encontramos uma ousadia do poeta que somente ele, enquanto criador inquieto, poderia fazer. Esses poemas, originalmente, se chamavam “Beti” e “Blue”, respectivamente, e estão na obra *Duelo do Batman contra a MTV* (2004), livro que também é retomado na antologia que tomamos como objeto. Especificamente quanto a “Mariana”, no poema anterior, o eu lírico se comunicava com Ana Maria para falar sobre o seu amor por Beti: “Se me permite, Ana Maria,/ gostaria de te comunicar/ que meu amor por Beti descarrilou” (CAPPARELLI, 2004, p 48); agora, o eu lírico avisa Beti sobre o descarrilamento do seu amor por Mariana e pede a sua ajuda: “Eu te peço, por favor, Beti,/ chame o Corpo de Bombeiros,/ espalhe cones de advertência nas estradas, [...] Eu sou centenas/ de mortos e feridos” (CAPPARELLI, 2019, p. 24).

Deixando os poemas já conhecidos para outros momentos, a segunda parte da antologia, “os Mequetrefes contra os Cheirosos”, conta com seis poemas inéditos e joga com o futebol, com as diferenças e a discriminação social, com a rebeldia daqueles que não aceitam ficar parados por imposição (os tais jovens inquietos):

I
Os Tênis-Furados foram jogar
de tênis furado, jogar,
assim, sem ligar ao que os outros dissessem!
Suavam, coitados, suavam gelados.
Os Tênis-Furados foram jogar
no verde onde rola a redonda bola.
Os Cheirosos riram, vocês vão perder,
assim gritaram, bem alto, aos Tênis-Furados.
Não importa, jogamos dobrado,
respondemos, vamos ganhar!
A bola já voa,
da grande área é que vamos chutar.
Seus pernas de pau, vão sair no jornal,
de tênis furados não podem jogar!
Os Tênis-Furados foram jogar.

(CAPPARELLI, 2019, p. 36)

Ao tematizar o imaginário do futebol, lança-se mão de recursos como a aliteração e a assonância no poema “Passes”, por meio de escolhas lexicais que tematizam o campo do jogo, mas que também se estendem numa constelação aberta de sentidos:

Trago no bico da chuteira,
como se em um espelho do que fui,
todos os gols que eu marquei,
todos os jogos que eu joguei,
todos os lances de que participei
e tudo o que, depois de tudo,
considero só o começo.

(CAPPARELLI, 2019, p. 42)

O poema “Passes” parece propor uma certa jogada interpretativa para o nosso campo imaginário: a cada verso, o jogo tematizado é o jogo da vida. Novamente, a despedida de uma fase em direção ao começo de outra. Contudo, é a construção do poema que mostra um cuidado atento para além da sua dimensão imagética. Podemos perceber isso, por exemplo, com o ritmo estabelecido pela aliteração com o som do /t/ na repetição das palavras “todos” e “tudo”, assim como pela assonância nas palavras “marquei”, “joguei” e “participei” nos versos: “todos os gols que eu marquei,/ todos os jogos que eu joguei,/ todos os lances de que participei/ e tudo o que, depois de tudo” (CAPPARELLI, 2019, p. 42).

Na terceira parte da antologia, chamada “Duelo”, o poeta revisita a obra *Duelo do Batman contra a MTV* (2004), na qual um pai e um filho alternam como eu lírico e tematizam as suas experiências, muitas vezes, como um paralelo entre os dois. A maioria dos poemas de “Duelo” (mais precisamente, cinco deles) veio da parte que, no livro de 2004, intitula-se “O filho sozinho”, o que demonstra um cuidado com a representação da voz do jovem; ademais, “Duelo” tem também três poemas da parte “Do filho ao pai”, três de “Vô Giuseppe e Vó Arzelina” e três poemas inéditos.

Segundo Barboza (2020), *Duelo do batman contra a MTV* joga com o processo de separação no relacionamento de pai e filho, desde o momento em que o adolescente começa a se perceber mais independente. É nesse sentido que essa parte da antologia é iniciada com o poema “Pânico” trazendo essa cisão entre a infância e a adolescência para o plano temático com a afirmação do quarto como um espaço da individualidade do jovem – de um jovem de uma realidade social mais privilegiada - e, por isso, apenas seu, para seus devaneios e experiências sensoriais: “Aquele é o meu quarto,/ meu canto, meu pouso e meu aconchego./ Meu sonho, meu eu, meu sossego/ meu invólucro, meu riso, meu ciso/ razão, erro, fogo e brasas” (CAPPARELLI, 2019, p.50).

Marcas da adolescência são encontradas também em “Depois do almoço”, poema que explora a imagem de um eu lírico que navega seu imaginário em um submarino pelas águas profundas de um mar de sentidos: “Que nem submarino,/ fecho os olhos/ e afundo./ Percorro o fundo do mar,/ desviando de peixes, lulas,/ algas aflitas,/ e do tridente de Netuno.” (CAPPARELLI, 2019, p. 55); em seguida, acontece uma quebra de expectativa nessa ludicidade, com o eu lírico revelando a situação em que se encontra, de uma responsabilidade que não é de criança e que também não lhe é bem-vinda: “De longe,/ de muito longe,/ ouço uma voz:/ Quem é que vai lavar a louça?/ Eu nem escuto./ Eu, hein, como escutar, aqui do fundo?” (CAPPARELLI, 2019, p. 55).

Contudo, vale observar que, em “Duelo”, assim como na obra que primeiro publicou esses poemas de pai e filho, não é apenas a transição para a adolescência que se faz tema, mas também a passagem do jovem para a fase adulta. Bastante representativo dessa fase de transição, de um jovem bem mais distante da infância do que da vida adulta, destacamos o poema “Achava que conhecia”, o qual lemos a seguir:

Eu achava que conhecia.

Ou melhor, achava que achava
que conhecia.

Tinha conhecimento, digo.

Começo de novo:

Nessa época, eu achava que achava
que achava que achava que conhecia.

O quê?

Não importa o quê. Conhecimento do mundo,
de quem conhece, prova e mostra.

Porque a vida muda,
adquire outras formas, sortilégios,
um ou muitos de cada vez.

Eu achava que conhecia a vida.

Sim, a vida como ela é,
ou seja, movimento, ação, reação, ternura, câmbio, essas coisas,
em que tudo muda e nada é... aceleração, em suma.

Sim, nessa época eu achava que conhecia.

(CAPPARELLI, 2019, p. 60)

A marca dessa passagem é ressaltada pelo transitório, pelo que nos escapa, pelo que vai se tornando evidentemente mutável e, portanto, impossível de dominar. O sujeito poético passa a se dar conta de que assumir que não se sabe é uma forma de saber. Os já mencionados períodos de transição são realçados. O desejo de se mostrar

mais maduro do que a própria idade – como nos versos “Nessa época, eu achava que achava/ que achava, que achava que conhecia.” (CAPPARELLI, 2019, p. 60) – não é restrito aos jovens quase adultos, mas também se mostra presente quando a criança procura se afirmar, precocemente, como adolescente, por exemplo. Essa consciência do transitório parece evidenciar a metamorfose própria da vida, ressaltando a percepção da instabilidade, da provisoriedade, dados pela fugacidade do tempo.

Seguindo adiante, comparando o fim do século XX, com a recente comercialização da internet no Brasil, e a segunda década do século XXI, e toda a facilidade de uso de inúmeros recursos tecnológicos para as mais diversas atividades por todos, percebemos o quanto evoluímos no acesso às tecnologias de informação de lá para cá. Posto isso, não é por acaso que é justamente na parte que revisita a obra *33 ciberpoemas e uma fábula virtual*, originalmente publicada em 1996, que a antologia deslança e tem a maior quantidade de poemas reunidos: vinte poemas inéditos e vinte retomados do livro.

Como um software que precisa ser atualizado para que os programas e funções dos aparelhos continuem a rodar e, por isso, é substituído, Capparelli volta aos poemas antes intitulados “Windows 6.1” e “Século XXI” e os renomeia como “Degelo” e “Tempo esguio”, respectivamente. Essa alteração e revisitação dos títulos parece ter em vista uma constante renovação do olhar poético. As atualizações não se restringem aos títulos, o poema “Me perdoe”, por exemplo, foi enxugado pelo poeta, passou de quatorze para sete versos, assim como teve uma mudança no seu eu lírico: antes ele questionava sobre presentear sua amada com flores, “e você, minha querida,/ mando-lhe rosas pela internet?” (CAPPARELLI, 2009, p. 45); agora é ela quem assume a voz do poema, “e de repente, querido,/ me manda rosas pela internet” (CAPPARELLI, 2019, p. 92).

O encontro sensível entre os comandos da tecnologia de informação e as ações e os sentimentos humanos realizado por Capparelli na década de 90 continua presente nessa parte da antologia, principalmente ao revisitar o livro. Contudo, são nos poemas inéditos que Capparelli mostra também ter reforçado tanto tematicamente quanto esteticamente, como na grafia adotada para alguns títulos, a sua poesia com o uso agora diário das mídias sociais. Poemas como “A Síria da Sérvia” e “Loucura”, individualmente, partem de algo muito presente na nossa realidade, o consumo de informações diversas sobre qualquer parte do mundo. O último poema, em particular, o faz sem deixar de aliar o técnico ao humano:

Meu pai, Vinícius e eu,
sentados na sala,
esperamos tia Amália.

[...]

Amanhã, bem cedo,
diz meu irmão, patético,
a Síria vai invadir Berlim:
Já se enchem as estradas
com refugiados de Alepo!

Olho para ele, perplexo.
Com desalento, ai de mim,
meu irmão pirou de vez.

Como se um ataque de um Cérbero,

do jogo de videogame,
a priori estraçalhasse seu cérebro.

(CAPPARELLI, 2019, p. 99).

Esses poemas parecem realçar aspectos recorrentes da obra poética de Capparelli; há entre eles uma conexão narrativa, que se estende para versos de poemas como “Amigo de Alepo”, por exemplo: “Eu viajo na rede/ sem passe de mágica:/ vários dias levamos/ atravessando a Áustria./ Obrigado, Vinícius,/ muito obrigado,/ cheguei a Berlim,/ um grande abraço” (CAPPARELLI, 2019). Diante desse fio narrativo, há muito mais do que informações a serem consumidas sendo tematizadas nos outros dois poemas acima citados, há uma luta, a realidade dos refugiados, mas também a responsabilidade política de todos sobre isso.

Nesse mesmo sentido, destacamos também os poemas “Mensagens de Berlim” e “Quilombola”, este último com um eu lírico lutando a favor da causa dos povos quilombolas pela internet e o primeiro ainda atrelado à questão política dos refugiados. Em ambos, vemos também as relações afetivas (de afeição, de medo ou de revolta) em imagens muito significativas. O escritor, na apresentação do livro, fala ainda sobre um desejo de sermos livres, dignos e solidários e são justamente poemas que colocam uma luz sobre aspectos tocantes e inquietantes, como, por exemplo, pelo incômodo causado por eu líricos assustadores, sem rosto e sem nome como em “Assédio”:

Tu não me conheces,
mas eu te conheço, menina!
Eu vou te torcer, eu vou te quebrar,
te vejo bem agora, pois sei onde moras,
já estamos saindo para te encontrar!

(CAPPARELLI, 2019, p. 95)

A perpetuação das violências já existentes nas redes sociais e as novas formas de agressão incomodam o leitor nos poemas tanto quanto na vida, o que nos faz retomar o poema que nomeia essa parte da antologia, “Para o seu governo”: “Não há mundo/ do lado de dentro,/ nem há mundo/ do lado de fora./ Existe apenas, Dora,/ jogo de espelhos” (CAPPARELLI, 2019, p.85).

O poeta segue equilibrando seu teor mais denunciativo, jogando com o que seria o mundo “real” e o mundo virtual, com a brincadeira, com o ritmo, com a rima e com a parte tão mais leve quanto presente da tecnologia nas nossas vidas. No poema “Viva voz”, por exemplo, o eu lírico reclama do corretor do seu tradutor viva voz não seguir os seus comandos. É a partir desse equilíbrio e dessa atualização que *Poemas para jovens inquietos* é uma leitura de inúmeras entradas possíveis para os leitores em diferentes fases da juventude.

Novamente retomando a apresentação da antologia, Sérgio Capparelli afirma que o livro é um convite para a luta, um chamado contra a escuridão, para sermos mais humanos. Dessa forma, o poeta traz para o plano temático conflitos políticos e econômicos que, neste mundo globalizado, se tornam uma responsabilidade de todos, mas também as afetividades e curiosidades que despertam inquietude, promovem mudanças. Nesse sentido, essa antologia é um chamado, trançado de nuances e complexidades, para a resistência ao que desumaniza e apaga a força transformadora da juventude.

Referências

BARBOZA, Livia Marbelle. *“Eu não sabia que podia fazer isto”*: poesia em performance na formação de leitores adolescentes. Dissertação (mestrado em Linguagem e Ensino) - UFCG, Campina Grande, 2020.

CAPPARELLI, Sérgio. *Duelo do Batman contra a MTV*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

_____. *33 ciberpoemas e uma fábula virtual*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. *Restos de arco-íris*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

_____. *Poemas para jovens inquietos*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2019, 112 págs.